



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIA



“Diante da dor dos outros”: Narrativas do fotojornalismo de guerra sob o olhar de Susan Sontag¹

Iuri Brito Santos²
Ruan César Correia Coelho³
Adriana Camargo Pereira⁴
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar as ideias de Susan Sontag sobre a representação da dor e do sofrimento nas imagens de guerra e discutir como essas ideias se aplicam ao fotojornalismo contemporâneo. O objeto principal será a forma como o fotojornalismo vem retratando imagens de sofrimento desde de sua origem até a contemporaneidade trazendo como ponto principal o conflito entre a Palestina e o estado de Israel. O método utilizado para este fim é um estudo documental da obra de Sontag, bem como um estudo de vários autores que tratam de questões históricas do fotojornalismo e de imagens de violência nos grandes meios de comunicação. Não há uma busca por uma resposta única a respeito do tema, mas o intuito desse artigo é causar uma indagação sobre o compartilhamento de imagens de guerra e como elas atuam no imaginário da sociedade no decorrer dos séculos.

PALAVRAS-CHAVE: fotojornalismo; guerra; sofrimento; iconografia;

In the Face of the Other's Pain: Narratives of War Photojournalism through the Lens of Susan Sontag

ABSTRACT

This paper aims to analyze Susan Sontag's ideas on the representation of pain and suffering in war images and discuss how these ideas apply to contemporary photojournalism. The main focus will be on how photojournalism

¹ Trabalho apresentado no GT1 – “Fotografia Documental”.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do curso de Jornalismo da UESB, e-mail: 202111018@uesb.edu.br

³ Estudante de Graduação 4º. semestre do curso de Jornalismo da UESB, e-mail: 202310254@uesb.edu.br

⁴ Doutora em Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade pela UFBA, idealizadora e coordenadora do projeto Audiovisualidades Híbridas, in: <https://www.audiovisualidadeshibridas.com.br/>; <https://www.instagram.com/audiovisualidadeshibridas/> Contato: adriana.pereira@uesb.edu.br

has depicted images of suffering from its inception to the present day, with a particular emphasis on the conflict between Palestine and the state of Israel. The methodology used includes a bibliographic review of Sontag's work, as well as various authors who address the historical issues of photojournalism and images of violence in major media outlets. The goal is not to seek a single answer to the topic but to provoke reflection on the sharing of war images and how they influence society's imagination over the centuries.

KEYWORDS: photojournalism; war; suffering; iconography

INTRODUÇÃO

A representação de imagens de sofrimento está cotidianamente inserida em diversas publicações, desde impressas, digitais ou em canais de televisão. Todos esses meios de comunicação veiculam narrativas imagéticas com um certo grau de sofrimento humano, dispondo-as ao acesso do público perceptível a todos que dispõem de imaginação, interpretação e estímulos linguísticos. Essas imagens que geralmente são criadas por artistas e fotojornalistas nos possibilitam testemunhar o contexto de violência e os infortúnios advindos das relações sociais. Seja qual for a plataforma, tem-se que, além das peculiaridades de cada caso concreto, as imagens de dor alheia muitas vezes nos remetem aos contextos de violações de direitos fundamentais e de direitos humanos.

Diante do pressuposto, optamos por explorar a obra da norte-americana Susan Sontag (1933 - 2004) "Diante da dor dos outros", publicada em 2003. Em seu livro ela aborda os principais aspectos sociais da guerra com ênfase nos registros do fotojornalismo, mostrando um breve histórico das imagens de sofrimento ao longo do desenvolvimento das nações ocidentais. Sontag em sua linha argumentativa faz uma série de provocações enfatizando que: "as fotos são meios de tornar 'real' (ou "mais real ") assuntos que as pessoas socialmente privilegiadas, ou simplesmente em segurança, talvez preferisse ignorar" (SONTAG, 2003, p 12).

Susan Sontag traz uma reflexão sobre a guerra e como construímos imagens a partir dela. Seus estudos são dedicados à escritora inglesa Virginia Woolf, a partir da publicação, em 1938, do livro *Três Guinéus*. O signo fotográfico percorre pelos nove ensaios de *Diante da dor dos outros* tanto como pano de fundo, quanto como uma questão fundamental para a compreensão das experiências de guerra e seus horrores. Sontag busca trazer uma reflexão sobre a relação da fotografia com a realidade, e de que modo a imagem capturada pode se tornar uma possibilidade estética e ao mesmo tempo ética no contexto político.

FOTOJORNALISMO VIOLENTO

As informações chegam a nós por diversos meios: rádio, TV, tabloides, redes sociais e de forma oral a partir de conversas informais. Sendo uma das maiores difusoras de notícias nas redes sociais, onde nelas recebemos diversos tipos de conteúdo, podendo conter imagens ou não. O uso de imagens é bem comum em situações onde retratam o ataque à dignidade humana, sendo esse tipo de abordagem muito comum já que, de acordo com Francis Wolff (in Novaes, 2005), “as imagens são capazes de suscitar todas as emoções possíveis, sejam elas positivas ou negativas”. Sendo a fotografia um objeto onde podemos acessar e retornar nossa atenção a ele quando queremos, podemos assim absorver melhor os seus detalhes, como é por alguns teóricos no qual acreditam que toda foto contém além de espaço um tempo incluso, visto que “A foto congela e embalsama o passado; eternamente continua a nos mostrar com o dedo (índice) o que foi e o que já não é”. (BUITONI, 2011, p.54).

Comparado ao texto verbal, a imagem fotográfica consegue chocar mais, já que ela congela a situação colocada em frente a lente – aqui não representando mais somente um recorte espacial delimitado pela câmera, mas também um instante, ou seja, “uma interrupção temporal, fato que ocorre no

instante (ato) do registro” (KOSSOY, 2009, p.29). Isso torna a imagem fotográfica mais fácil de compreensão, já que ao contrário da linguagem escrita, a linguagem imagética é universal sem necessidade de tradução do signo aparente visto que “uma foto só tem uma língua e se destina potencialmente a todos” (SONTAG, 2003, p. 21).

Em uma sociedade pertencente ao campo da imagética, a espetacularização por meio da fotografia hipnotiza as pessoas fazendo uso de variados meios para isso. No que se trata sobre as fotografias Susan Sontag (2004) corrobora com o pensamento de Debord ao apontar que:

Uma sociedade capitalista requer uma cultura com base em imagens. Precisa fornecer grande quantidade de entretenimento a fim de estimular o consumo e anestesiar as feridas de classe, de raça e de sexo, E precisa reunir uma quantidade ilimitada de informações para melhor explorar reservas naturais, aumentar a produtividade, manter a ordem, fazer a guerra, dar emprego a burocratas. As faculdades geminadas da câmera, subjetiva a realidade e objetifica-la, servem idealmente a essas necessidades e as reforçam. As câmeras definem a realidade de duas maneiras essenciais para o funcionamento de uma sociedade industrial avançada: como um espetáculo (para as massas) e como um objeto de vigilância (para os governantes). (SONTAG, 2004, p. 195)

No que se refere à produção e consumo de imagens, elas nem sempre adquirem um significado para o público, servindo somente, como diz Sontag, como objeto de vigilância para governos e uma forma de entretenimento para a sociedade. No entanto boa parte das imagens produzidas dentro do campo do fotojornalismo, não foram produzidas no intuito de serem mera distração, tendo o objetivo também de testemunhar, ou seja, expor para o espectador que algo aconteceu daquela forma. Para melhor exemplificação das atribuições das imagens Dulcilia Buitoni (2011), vai nos dizer que as imagens podem ser encaradas de diferentes formas podendo ser mais de uma coisa ao mesmo tempo, tendo elas quatro funções primárias: informativa, comunicativa, reflexiva e emocional. Buitoni ainda acrescenta que as imagens vão apresentar uma

dessas características com facilidade podendo uma função se destacar mais que a outra. As imagens tem a capacidade de fazer uma provocação moral no indivíduo, reforçando e desenvolvendo uma opinião já existente, tendo como pressuposto a identificação do leitor com o assunto dessas representações imagéticas, serão de acordo com Sontag (2004), “[...] experimentadas apenas como irrealis ou como um choque emocional desorientador”, assim provocando uma passividade absoluta em que as vê, indo de encontro ao motivo pelo qual essas imagens existem: mobilizar a opinião pública.

BANALIZAÇÃO: A DOR COMO LUGAR COMUM

Quando um fotógrafo captura uma imagem que demonstra uma certa preocupação social, ele geralmente não prevê que tal imagem pode ser utilizada ou compreendida de uma forma diferente daquela realidade que ele presenciou. Segundo Sontag (2004, p. 122) esse profissional “que sua obra possa transmitir algum tipo de significado estável” , contudo, por ser um objeto que necessita de um contexto, “tal significado está destinado a se esvaír” (SONTAG, 2004, p.122).

Levando em conta a ideia da perda da significação e de uma provável apropriação indébita na qual algumas fotos acabam sendo sujeitas, é possível a percepção da banalização da dor do outro. Podemos tomar como exemplo o conflito da Faixa de Gaza, que desde o seu início as coberturas fotojornalísticas vem trazendo uma lógica de espetáculo. Por banalidade é possível se apoiar no termo apresentado por Hannah Arendt em seu livro *Eichmann em Jerusalém* (1963), que em sua obra, a filósofa judia e alemã traz uma nova perspectiva para a palavra banalidade – Sendo ela a *banalidade do mal*. Para ela a banalidade significa algo desprovido de importância, sendo assim considerado normal.

O compartilhamento excessivo de imagens de sofrimento na internet pode levar à banalização da dor e do mal, conforme discutido por Hannah Arendt. Segundo Andrade (2010), essas imagens, muitas vezes associadas ao fotojornalismo, não apenas representam a realidade dos conflitos, mas também refletem a publicação dessas cenas.

Com o aumento do uso da internet para disseminar notícias globalmente, somos constantemente bombardeados por imagens de sofrimento de diversas partes do mundo. Essas imagens revelam a presença do mal e mostram o sofrimento de maneira similar, destacando a barbárie que dizimou povos, causa fome, destrói lares e separa famílias, privando-os de seus direitos. Esse excesso de imagens resulta na perda de sua singularidade e diminui seu poder de mobilização.

Para Sontag (2004), esse “vasto catálogo fotográfico de desgraça e da injustiça” traz uma certa familiaridade com as atrocidades, causando um sentimento de que aquilo não passa de só mais uma representação de sofrimento, trazendo um sentimento de impotência dos espectadores. Conviver com essas imagens não garante compreensão ou capacidade de empatia com os outros.

Segundo Hannah Arendt, a raiz da banalização do mal reside na incapacidade da sociedade de compreender e refletir sobre suas próprias ações. Para ela, o mal não é algo intrínseco a indivíduos perversos, mas sim um "parasita" que se prolifera em ambientes onde a reflexão é suprimida. A filósofa compara essa dinâmica com a disseminação de fotos chocantes nas redes sociais, onde a falta de pensamento crítico permite que conteúdos nocivos se espalhem rapidamente, contribuindo para a normalização de comportamentos e ideias prejudiciais.

Figura 1: O homem move o corpo de uma criança palestina dentro de um necrotério no Hospital Al-Shifa devido a ataques israelenses.



Fonte: HASABALLAH, A. 2023. Fotografia. Getty Images.

Quando vemos imagens como esta acima, temos a convicção de que não há nada que possamos fazer, restando apenas a reflexão. Assim, aquela imagem é e não é: um corpo morto. Ao aceitarmos com um novo olhar nosso encontro inesperado com o nada, não resolvemos a situação, pois mal compreendemos sua significação devastadora (ROUILLÉ, 2009). No entanto, quando forçamos o não reconhecimento da cena máxima da violência extrema, sem termo ou lógica, temos o patológico, como afirmou Arendt (ANDRADE, 2010, p. 113).

É importante salientar que, assim como a banalidade do mal não deu conta de explicar a barbárie, nas palavras de Freud, ela faz parte do pior lado da história. Da mesma forma, Arendt (como também aponta Alter) informa que, mesmo os juízes imbuídos de consciência pura culpam todos pelo Holocausto

(Berger). Quem partilha imagens desta natureza é tão cúmplice quanto quem escreveu esta dolorosa história. Fotografias dessa natureza, que fazem parte do tráfico humano, são sujeitas à lei.

Fomentamos imagens violentas para nos tornarmos mais humanos? Ou será este movimento subversivo, com foco na fotografia, uma afirmação negativa? Trata-se de algo intrínseco à condição humana, onde o ato de fotografar perdeu seu estado inocente e foi corrompido pela tecnologia, permitindo que imagens desse teor sejam compartilhadas massivamente, tornando-se parte dos mecanismos desse processo.

Segundo Sontag (2003), o impacto de imagens chocantes é ambíguo. Elas podem tanto despertar a compaixão e o desejo por justiça quanto incitar a violência e a vingança. Tudo depende de como essas imagens são interpretadas e do contexto em que são apresentadas. Ao invés de promover a reflexão e a mudança, elas podem simplesmente paralisar a consciência ou servir como justificativa para atos violentos, especialmente para aqueles que veem o mundo em termos maniqueístas de bem versus mal.

Para um judeu israelense, uma foto de uma criança esfaqueada no atentado a pizzaria Sbarro no centro de Jerusalém é, antes de tudo uma foto de uma criança judia morta por um militante suicida palestino. Para um palestino, uma foto de uma criança esfaqueada pelo tiro de um tanque em Gaza, é, antes de tudo, uma foto de uma criança palestina morta pela máquina de guerra israelense. Para o militante, a identidade é tudo. E todas as fotos esperam sua vez de serem explicadas ou deturpadas por suas legendas. (SONTAG, 2003, p.14)

A prática de utilizar imagens para prolongar a percepção de um conflito viola um dos princípios fundamentais da Declaração da UNESCO sobre os meios de comunicação, documento de alcance global datado de 1983. Esse texto estabelece que os meios de comunicação devem atuar em prol da erradicação da guerra e de outros males que a humanidade enfrenta, demonstrando um

compromisso ético com os valores universais do humanismo. Ao se abster de qualquer tipo de apologia ou incentivo à guerra, à corrida armamentista e a outras formas de violência, os jornalistas podem contribuir para a redução da ignorância e do preconceito entre os povos, além de sensibilizar aqueles que, distantes dos conflitos, observam os sofrimentos de outras nações, promovendo a empatia e o respeito pelos direitos de todos.

A captura de imagens sem considerar o impacto sobre os indivíduos retratados não apenas alimenta a hostilidade entre grupos sociais, mas também solidifica estereótipos preexistentes. Segundo Forin Jr e Boni (2007), a globalização, ao invés de reduzir as desigualdades, as tornou mais visíveis. A fotografia social, ao documentar essas desigualdades, podem paradoxalmente contribuir para sua perpetuação, ao fixar uma imagem estática da realidade, “os limites do sentimentalismo para adentrar o campo da reflexão nacional e das ações práticas, que esclareça e solucione as diferenças” (FORIN JR; BONI, 2007, p.80)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho pretendeu-se trazer uma reflexão sobre as funcionalidades e significados das imagens fotográficas. Na sociedade do espetáculo, as imagens de violência nos alcançam, mesmo que não queiramos. A tecnologia e a globalização permitem que todos vejam a guerra de todos os ângulos possíveis, e a Internet sobrecarrega as nossas representações visuais. No nosso esforço constante para captar o mundo e a guerra através de fotografias, esquecemos o mais importante: refletir sobre o que vemos. Na busca incessante de capturar o mundo – e a guerra – através de fotos, esquecemos o principal: refletir sobre o que vemos.

Essas imagens de violência são compartilhadas para mostrar o impacto dos conflitos armados nos direitos, na dignidade, nos lares e nos corpos das pessoas nas zonas de guerra. Nós os vemos - quando temos estômago para

isso - levamos um breve choque e depois voltamos para nossas vidas sem pensar em quando essas pessoas poderão retornar às suas vidas.

Inicialmente, as fotografias de guerra mobilizaram a opinião pública e aproximaram a sociedade dos campos de batalha. Hoje, a mobilização do espectador, comparada ao conflito em Gaza, não ultrapassa o compartilhamento de opinião em redes sociais, às vezes acompanhado de uma imagem que comprove a violência.

Alguns autores acreditam que o uso excessivo de imagens pode levar a um vazio de sentido nas imagens, pois deixamos de pensar no que está à nossa frente. É difícil acreditar que já não fiquemos chocados com as consequências dos conflitos armados, mas, a cada nova imagem, o mal, tal como concebido por Hannah Arendt, torna-se comum. As imagens transformam o mundo em microcosmos, fotografias, experiências vividas.

Flusser (2011) sugere que as representações visuais servem como mediadoras entre as pessoas e o mundo, aproximando-as e ao mesmo tempo alienando-as. As imagens podem criar unidade e dissipar esse sentimento da mesma forma. Um exame definitivo e conclusivo deste tópico exigirá mais pesquisa e tempo do que um artigo acadêmico permite. A subjetividade da fotografia não permite uma convicção clara de que as imagens violentas não são mais válidas, pois isso generaliza o seu conteúdo. Alguns ainda têm um propósito.

Em entrevista à revista *Way*, Susan Sontag desconstrói a ideia do seu livro *Diante da Dor do Outro*. Sontag já não tinha tanta certeza da ideia de que os leitores tirariam fotografias de guerra contra ela, isto só seria verdade se o discurso que acompanhava as imagens fosse impotente e o mundo fosse verdadeiramente terrível e sem esperança. A principal consideração não é se essas imagens são válidas, mas se devem ser compartilhadas, expostas e de que forma. Se os nossos impulsos morais nos levam a enfatizar a morte para reforçar a nossa visão da guerra, que assim seja. Se acontecer o mesmo com

o fotógrafo que filma a cena, aceite. Mas não é uma posição moral, porque se fosse moral, algumas limitações seriam impostas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marcelo. A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas. In: **Revista Brasileira de Educação**. v. 15, n. 43, p.109-199, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n43/a08v15n43.pdf>>. Acesso em: set. 2024.

BERGER, John. **Sobre o olhar**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 2003.

BUITONI, Dulcilia Schroeder; PRADO, Magaly (org.). **Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem**. São Paulo: Editora Saraiva, 2011

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1998.

FORIN JÚNIOR, Renato; BONI, Paulo César. *Aspectos valorativos no fotodocumentarismo social de Sebastião Salgado*. In: **Conexão – Comunicação e Cultura**. Caxias do Sul: v. 6, n. 12, p.71-95, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/172/163>> Acesso em: set. 2024.

HASABALLAH, A. Homem move o corpo de uma criança palestina dentro de um necrotério no Hospital Al-Shifa devido a ataques israelenses. 2023. Fotografia. Getty Images.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

NOVAES, Adauto (org.). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.